



Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O DERRUBAMENTO DA DITADURA

Primeira Condição Para Resolver a Crise da Agricultura

Após ano, em montanhas de papel e torrentes de tinta e em discursos altissonantes, Salazar e os seus ministros prometem para breve a solução dos problemas do trigo, da carne, dos produtos lácteos, do azeite, da batata, da fruta, etc., etc.. Entretanto, os anos passam e todos podem constatar a estagnação, nuns casos, a baixa das produções, noutros casos. É a grande solução salazarista é sempre a mesma: importação maciça de produtos alimentares no valor de vários milhões de contos que a terra portuguesa podia produzir com vantagem para a economia nacional.

No passado dia 8 de Abril, mais um despacho foi dado à luz pelo ministro da Economia para, mais uma vez, «fomentar a produção agro-pecuária e particularmente a leiteira». Sem se perturbar com ninharias, o ministro lembrou, imponente, que «com o fim de dominar a crise da agricultura... o governo, a partir de Março de 1965, iniciou um tratamento de choque, actuando com decisão...». Tratamento foi ele e decisão foi ela que o doente ficou mesmo em estado de choque.

Passaram-se dois anos e os resultados aí estão à vista de todos. No intróito explicativo do despacho o próprio ministro é forçado a reconhecer «que a actual escassez de leite tende a agravar-se enormemente e em curto prazo, uma vez que a sua produção não só não tem crescido... como tem, mesmo baixado de ano para ano». No concelho de Sintra, por exemplo, a produção de leite que fora, em 1963, de 8 milhões e 300 mil litros, desceu para 5 milhões de litros, em

1966, quase 40% menos.

A carne de bovinos escasseia em todo o país. Mesmo em regiões onde antes a fartura e a boa qualidade eram características, tais como, Viana do Castelo, Braga, Bragança, Évora, a carne chega a faltar dias seguidos e quando aparece o seu preço é inacessível à bolsa das camadas trabalhadores. As tabelas oficiais são apenas números para figurarem nas estatísticas oficiais, porque na realidade o consumidor chega a pagar a carne a preços superiores a 100% das tabelas.

A fraca produção de leite era justificada com o abate das vacas porque o preço do leite não compensava. Agora tenta explicar-se a falta de carne com o contrabando dos bovinos para Espanha, onde os pagarão por melhores preços.

Para atamancar esta situação desastrosa criada pela incompetência dominante, a camarilha salazarista prepara-se para tornar livre a venda da carne nacional, fresca, mantendo tabelada a carne congelada (continua na pág. 4)

Resolução do C.C. do P.C.P. SOBRE A COMEMORAÇÃO DO 50º ANIVERSÁRIO da Revolução de Outubro

No dia 7 de Novembro do ano corrente festeja-se o 50º aniversário da grande Revolução Socialista de Outubro. Faz 50 anos que o proletariado russo, sob a direcção do partido dos bolcheviques tendo à sua frente Lênine, tomou o poder e criou o primeiro Estado Socialista do mundo, o Estado de Operários e Camponeses, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que pôs fim à exploração do homem pelo homem e à opressão nacional na imensa Rússia.

A Revolução de Outubro marcou uma viragem na história da humanidade, inaugurando a época da derrocada do capitalismo e do triunfo do socialismo e do comunismo à escala mundial.

A Revolução de Outubro abriu caminho a históricas realizações do povo soviético na economia, na cultura, na ciência e na técnica, no bem estar dos trabalhadores, na organização democrática da sociedade. A vitória da União Soviética contra os agressores fascistas hitlerianos mostrou a invencibilidade do país dos soviéticos e deu um novo e extraordinário impulso ao processo revolucionário mundial. Sob a influência da Revolução de Outubro, das experiências do Partido Bolchevique e destas vitórias históricas, criaram-se e forjaram-se no mundo partidos da classe operária de novo tipo, o movimento operário avançou impetuosamente nos países capitalistas, outras revoluções socialistas triunfaram na Europa, na Ásia e na América, o movimento de libertação nacional pôde alargar-se, fortalecer-se e por fim fazer ruir o sistema colonial do imperialismo. Os ideais do marxismo-leninismo, os ideais do socialismo, ganham a humanidade progressiva.

A luta da classe operária portuguesa, a formação e desenvolvimento da sua vanguarda, o Partido Comunista Português, estão intimamente ligados aos ideais e vitórias da Revolução de Outubro, às vitórias e experiências posteriores do povo soviético e do Partido Comunista da União Soviética.

Os comunistas e os trabalhadores de Portugal sempre acompanharam e acompanham com profundo interesse as realizações do povo soviético na construção do socialismo e das bases do comunismo, vendo nelas um estímulo, uma ajuda e a radiosa perspectiva da difícil e dura luta que hoje travam nas condições da ditadura de Salazar.

Junto com o povo e os comunistas da União Soviética, junto com os trabalhadores e os comunistas de todos os países, o Partido Comunista Português comemorará com alegria e orgulho o 50º aniversário da Revolução de Outubro.

Dadas as condições de terror fascista e de severa clandestinidade em que o Partido é obrigado a lutar, as comemorações não poderão deixar de ser modestas. Dentro destas limitações o Comité Central resolve:

- 1) que seja publicado um número especial do «Avante!», órgão (continua na pág. 2)

2 Mil Trabalhadores da Carris Concentram-se Diante da Administração da Companhia E RECLAMAM AUMENTO DE SALÁRIOS

De novo Santo Amaro assinalou uma magnífica concentração dos trabalhadores da Carris de Lisboa, diante da administração da Companhia, que exprime o poder dos monopólios ingleses.

Há aproximadamente um ano

que os trabalhadores da Carris foram aumentados. Mas o que significa um aumento de 8 e 10 por cento em face da alta contínua do custo de vida?

Concentrados em Santo Amaro, numa exemplar manifestação de

unidade e de consciência de classe, os trabalhadores da Carris colocaram de novo e muito justamente o pedido de aumento de salários, ao administrador da Companhia, que tentava escapar-se no seu automóvel. Frente à firmeza dos trabalhadores o representante da Carris viu-se forçado a prometer que consideraria o assunto e daria início às conversações na semana seguinte.

O aparato repressivo do fascismo, composto de brigadas da PIDE, de forças da GNR e da PSP, apareceu em força mas não chegou a intervir.

Foi dado um passo importante na acção reivindicativa que está em curso. Os trabalhadores da Carris não vão ficar a meio caminho. A unidade provada na nova concentração em Santo Amaro só dará os seus frutos se for acompanhada de novas acções, de atitudes de firmeza, de novas concentrações junto da administração, de modo a não deixar-lhe dúvidas de que os trabalhadores estão dispostos a conquistar um novo aumento, lutando corajosamente por ele.

A CONFERÊNCIA DE KARLOVY VARY Exemplo de Cooperação e Unidade

A Conferência de 24 partidos comunistas e operários da Europa, que se realizou em fins de Abril em Karlovy Vary (Checoslováquia), constituiu um belo exemplo de cooperação e de unidade estabelecida na base da igualdade e da independência dos partidos irmãos.

O comunicado final da Conferência, que publicamos neste número do «Avante!», dá um sumário dos trabalhos da Conferência e dos seus resultados. A Declaração adoptada pela Conferência sobre os problemas da paz e da segurança na Europa constitui um programa de acção que pode servir de base para o entendimento e a luta de todas as forças favoráveis à paz e à segurança no nosso continente.

Todos os partidos participantes na Conferência foram unânimes em considerar que, para alcançar um sistema de segurança europeia, três principais

objectivos devem ser alcançados: libertar a Europa Ocidental da tutela dos Estados Unidos, impedir o desenvolvimento do militarismo e do revanchismo oeste-alemão e conseguir que o agressivo Pacto do Atlântico não seja prorrogado em 1969, acabando assim com a divisão da Europa em dois blocos militares opostos. Foram também unânimes em considerar que um sistema de segurança europeia tem de basear-se no reconhecimento das actuais fronteiras, no reconhecimento da existência de dois Estados alemães e consequente normalização das relações de todos os Estados com a República Democrática Alemã, no impedimento do acesso da República Federal Alemã ao armamento nuclear. Todos os partidos colocaram como tarefa comum lutar pelo desenvolvimento das relações pacíficas entre todos os estados europeus den-

(continua na pág. 2)

Os capitalistas intensificam a exploração da classe operária

Num artigo publicado na revista «Indústria Portuguesa», o engenheiro Carlos Alves abriu o leque da exploração capitalista para assinalar que é insuficiente o ritmo de trabalho da classe operária, que os capitalistas não estão satisfeitos com o esforço realizado diariamente pelos trabalhadores.

O que significa uma tal opinião na boca deste potentado da indústria?

Significa que os capitalistas portugueses e estrangeiros se preparam para intensificar ainda mais os ritmos de produção, para exigir maior rendimento aos trabalhadores, embora este tenha registado sucessivos aumentos nos principais ramos da indústria.

Entre os anos de 1953-62 a taxa média da produtividade na indústria transformadora subiu em 6 por cento. Entre 1965-67 deverá subir para 7 por cento.

Quanto mais os trabalhadores se esfalfam diante das máquinas, quanto mais elevado é o rendimento do seu trabalho, maior é o volume de mercadorias produzidas, mais elevada a margem de lucro dos capitalistas.

O poderoso monopólio capitalista da CUF e várias grandes empresas estabeleceram «formas científicas» de produção. Antes de tudo é necessário que os trabalhadores dêem o máximo de rendimento. Para isso estabelecem o engodo do «mérito», ou seja a concessão de um subsídio que juntam ao salário para que os trabalhadores atinjam um mais elevado nível de produtividade.

Ao mesmo tempo que elevam o rendimento de trabalho, os tubarões da indústria fomentam a divisão entre os operários, acirrando a rivalidade de competências e de salários que redonda em favor dos ca-

pitalistas.

O «mérito» coloca os trabalhadores numa posição de maior dependência e mina-lhes o espírito colectivo e a combatividade. Os magnatas da CUF, por exemplo, retiram o «mérito» a operários e concedem-no a outros, para que se erie um ambiente de competição e de rivalidade entre os trabalhadores e estes elevem os ritmos de produção.

Na LISNAVE foi estabelecido o trabalho à «ficha». Se a produção estabelecida na ficha não é atingida, o operário não recebe o salário completo e pode ser despedido. Se ultrapassa o ritmo fixado, obtém um prémio de produção, que aumentará consoante o rendimento. O nível máximo obtido transforma-se em nível normal e obrigatório para todos os trabalhadores. Cessa então o prémio da produção.

Na indústria de cortiça o aumento da produtividade café, com todo

o seu peso, sobre os braços dos trabalhadores. Por isso são mais frequentes os acidentes de trabalho, motivados por estados de fadiga.

Enquanto os salários subiam de 16 a 30 por cento, o rendimento de trabalho aumentou de 49 a 100 por cento.

Na fábrica SOCORQUEX, na Moita, a produção diária de caixas de aglomerados passou de 657-700, com 110 operários, para 2.200 no corrente ano, com 250 operários.

Na MUNDET, no Montijo, os operários que trabalham na cozedura da cortiça elevaram a produção de 60-70 blocos por dia, para 95 a 100. As lixeiras, que lixavam 2.000 chapas, passaram para 3.000 e 3.300. Nas serras circulares, os operários faziam 1.800 a 2.000 ladrilhos, Agora a produção atingiu 2.600.

Uma escolhedora de rolhas escolhia 8.000 rolhas. Agora, é forçada a escolher 15.000.

Em toda a Margem Sul, os industriais de cortiça desenvolvem uma campanha sistemática para aumentar o rendimento de trabalho, enquanto resistem ao pedido dos trabalhadores para que lhes sejam aumentados os salários.

As novas formas de exploração capitalista exigem uma maior unidade e consciência de classe da parte dos trabalhadores. Exigem um mais acurado espírito de luta.

À intensificação da exploração, por parte dos capitalistas, os trabalhadores devem responder com a intensificação da sua luta.

LUTA ORGANIZADA, LUTA ACTIVA, LUTA DE PROPORÇÕES CADA VEZ MAIORES.

EM VEZ DE PRÉMIOS DE PRODUÇÃO, AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS.

RESOLUÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

(continuação da pág. 1)

- 1) central do Partido, dedicado ao 50º aniversário da Revolução de Outubro;
- 2) que seja publicado no «O Militante» uma série de artigos sobre o 50º aniversário;
- 3) que todos os outros órgãos de imprensa editados pelo Partido (jornais de classe e outros) dêem especial relevo às realizações e vitórias da União Soviética;
- 4) que «Rádio Portugal Livre» emita programas especiais sobre a Revolução de Outubro;
- 5) que em todas as organizações do Partido se realizem reuniões dedicadas ao 50º aniversário;
- 6) que seja feito um apelo aos trabalhadores de Portugal para que comemorem por diversas formas o 50º aniversário e enviem por este motivo saudações ao povo soviético.

tidos ao jugo nacional e colonial, das forças da paz.

- O Partido Comunista da União Soviética, guia e dirigente da classe operária e do povo soviético. O seu papel no movimento comunista e operário internacional.
- A influência da Revolução de Outubro na luta da classe operária e das forças progressistas portuguesas.
- Os sentimentos fraternais dos trabalhadores e dos homens progressistas de Portugal para com a União Soviética e a amizade e cooperação existente entre o Partido Comunista Português e o Partido Comunista da União Soviética.

— O triunfo dos ideais do marxismo-leninismo.

É empunhando a bandeira dos ideais da Revolução de Outubro, a bandeira do marxismo-leninismo, que os comunistas portugueses comemorarão esta data histórica.

Mas a melhor comemoração da grande Revolução de Outubro, triunfante graças à combatividade e ao heroísmo do proletariado russo tendo à sua frente o Partido de Lênine, é lutar ainda com mais dedicação, mais ardor, mais confiança, certos de que o nosso Outubro chegará também.

Maio de 1967

O Comité Central

do Partido Comunista Português

A CONFERÊNCIA DE KARLOVY VARY

(continuação da pág. 1)

tro do respeito da soberania, igualdade e mútuos interesses e pela conclusão de um acordo entre eles renunciando ao recurso à força e à ingerência de qualquer Estado nas questões internas de outros.

A delegação do Partido Comunista Português foi constituída pelos camaradas Álvaro Cunhal, secretário geral do Partido, Manuel Rodrigues da Silva, membro do Secretariado do CC e António Santos.

Intervindo na Conferência em nome da delegação do nosso Partido, o camarada Álvaro Cunhal começou por referir os laços de solidariedade existentes entre os comunistas dos países europeus e os comunistas, a classe operária e os povos dos outros continentes, sublinhando que a luta pela paz e a segurança na Europa é uma contribuição efectiva da mais alta importância para a luta contra o imperialismo à escala mundial.

Falou depois largamente de três aspectos da luta pela paz e a segurança na Europa, que, conforme sublinhou, o Partido Comunista Português considera particularmente importantes, ou seja: a sua íntima ligação com a luta pela democracia; a sua íntima ligação com a luta pela verdadeira independência nacional dos povos europeus; e a sua íntima ligação com a luta contra a política de exploração, dominação e guerra colonial dos Estados imperialistas europeus noutros continentes.

Sublinhando a associação entre as forças do fascismo e da guerra, a delegação do PCP mostrou como a existência de ditaduras fascistas e reaccionárias,

como é o caso de Portugal, da Grécia e de Espanha, constitui um facto de intranquilidade e insegurança. Mostrou como o domínio dos grandes países imperialistas europeus sobre os países mais pequenos, facilita os planos agressivos do imperialismo. Mostrou ainda como a dominação colonial, as guerras coloniais e o neo-colonialismo, comportam focos de tensão e ameaças para a paz dos povos da Europa. A posição do Partido Comunista Português foi fundamentada, tanto na consideração da situação internacional, como na situação existente no nosso país e nas colónias portuguesas. A cooperação do governo fascista de Salazar com o militarismo e o revanchismo oeste-alemães e a existência e significado de bases militares estrangeiras em território português foram particularmente evidenciadas.

Tanto na Conferência como nos seus trabalhos preparatórios, o Partido Comunista Português apresentou a sua experiência e defendeu os seus pontos de vista, dando assim a sua contribuição para a análise da situação e a elaboração de uma orientação comum. Como sublinhou na sua intervenção o cam. A. Cunhal, a ampla participação de todos os partidos na fase preparatória da Conferência de Karlovy Vary representou um importante progresso (que é de desejar se accentue em futuras iniciativas), na forma de cooperação dos partidos irmãos.

O PC Português editará brevemente em separata a Declaração da Conferência sobre os problemas da paz e da segurança na Europa, juntamente com a intervenção feita em nome da delegação do nosso Partido pelo camarada Álvaro Cunhal.

Em todo o trabalho político relacionado com as comemorações do 50º aniversário da Revolução de Outubro, devem particularmente ser sublinhados:

- As experiências da Revolução de Outubro para a conquista do poder pelo proletariado.
- Os êxitos do povo soviético no domínio económico, social, cultural e político.
- O significado internacional da Revolução de Outubro e da construção do socialismo e do comunismo na União Soviética.
- O triunfo da Revolução Socialista noutros países e a importância do sistema mundial do socialismo.
- A URSS como o maior baluarte do campo socialista, dos trabalhadores oprimidos pelo capital, dos povos ainda subme-

ORGANIZEMOS A LUTA POR AUMENTO GERAL DE SALÁRIOS

OS OPERÁRIOS DA CUF CONQUISTARAM AUMENTO DE SALÁRIOS

No conjunto das lutas da classe operária destaca-se um recente resultado positivo: os trabalhadores da CUF do Barreiro conquistaram um aumento geral de salários, que atinge quase 90 por cento do pessoal.

O aumento obtido distribuiu-se por escalões de 4\$00, 8\$00 e 12\$00 para os homens, de 4\$00 e 6\$00 para as mulheres e de 10 por cento para os empregados.

Embora o aumento tenha beneficiado em particular os salários mais baixos, ele não corresponde nem de longe às necessidades ditadas pela subida do custo de vida e pela satisfação dos mais instantes problemas de um lar operário. E muito menos corresponde ao volume dos lucros que em cada dia os trabalhadores vertem, com o seu esforço, nos cofres dos capitalistas da CUF.

As reacções à pequenez do aumento de salários não se fizeram esperar. Os operários de algumas secções concentraram-se nos escritórios para protestarem contra o facto da maior parte ter recebido apenas 4\$00 de aumento.

A CUF pode pagar mais. A CUF deve pagar mais. Trata-se de um dos mais poderosos monopólios capitalistas da península, que domina dezenas de empresas, que es-

treita as suas ligações com o capital estrangeiro para melhor explorar os trabalhadores e as riquezas do país.

Os capitalistas da CUF possuem uma nova arte de explorar os trabalhadores. Contra eles é necessário acerar as armas de combate, desenvolvendo uma luta constante, firme e corajosa, que saiba utilizar as formas legais e ilegais de acção, que não tenha receio da repressão, que passe das concentrações a outras formas de luta, incluindo a greve.

A força da classe operária unida e disposta ao combate é mais poderosa do que a força dos capitalistas.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS! Intensifical a luta por jornas mais altas

Os grandes agrários lançam-se contra os trabalhadores rurais, que-rem condená-los à fome, impôr-lhes salários de miséria. As máquinas substituíram o braço do homem. Milhares e milhares de trabalhadores tiveram de emigrar. Apesar da escassez de braços em muitas regiões, os grandes agrários continuam a impôr salários que estão muito aquém do aumento do custo de vida. Eles contam com o apoio do governo. Mas vós contaís com a força da vossa unidade e da vossa luta, ceifeiros e ceifeiras! Ombro com ombro, nos ranchos, nas aldeias, nos locais de trabalho, nas herdades, nas praças de jorna lutai por melhores salários. Criaí as vossas comissões de unidade. Paralisai o trabalho até que sejam atendidas as vossas reivindicações.

Que caminho devia ter seguido a luta Dos operários da Siderurgia?

Em Março passado os operários da Siderurgia empreenderam uma corajosa luta. À acção do patronato para lhes reduzir o salário, através de um processo fraudulento, os trabalhadores responderam com uma paralisação imediata, seguida de concentrações, primeiro junto dos chefes, agentes técnicos e engenheiros, depois junto do escritório central. Não os atemorizou a presença de forças da GNR, cha-

madas pela administração.

A notícia da sua luta correu rapidamente por toda a Margem Sul, provocando um vivo movimento de solidariedade e de apoio. Centenas de pessoas de Paio Pires, Seixal, Arrentela, Torre de Moninha e outras localidades acorreram aos muros da Siderurgia.

Os trabalhadores recusaram-se a receber os salários. Esta recusa durou vários dias. Foi então que dois funcionários do Instituto Nacional de Trabalho compareceram na empresa para aconselharem os trabalhadores a aceitarem o salário com a redução, prometendo-lhes que o seu pedido seria considerado. Dentro de 4 ou 5 dias obteriam uma resposta.

Mas cedo os operários compreenderam que tinham sido ludibriados. Em várias secções começaram a fazer «cera». Aos apelos dos engenheiros para que elevassem a produção, os trabalhadores respondiam baixando-a ainda mais.

Crescia o espírito de luta. Em face dele, os tubarões da Siderurgia, os Champallimaud, Galvão Teles, Ribeiro Spinola, os agentes e colaboradores dos monopólios alemães, chamaram a PIDE e fizeram prender 10 operários, dias antes do recebimento da fêria. Este acto de violência e de terror, destinado a castrar a luta, a atemorizar os trabalhadores, surtiu o efeito deseja-

NOVAS LUTAS CONTRA A EXPLORAÇÃO E A MISÉRIA

O prosseguimento e o êxito das lutas reivindicativas exigem um enorme esforço organizativo, particularmente a constituição de comissões de unidade onde ainda não existem. A escolha dos elementos que constituirão as comissões de unidade deve ser feita com o conhecimento e apoio da grande maioria dos trabalhadores, elegendo homens da sua inteira confiança e desmascarando os lacaios do patronato que aí se queiram introduzir.

O desnível entre os salários dos trabalhadores e o aumento constante do custo de vida continua a assinalar-se. Por isso os trabalhadores devem intensificar a sua luta por aumento geral de salários. Assim procedem os trabalhadores do Arsenal do Alfeite ao entregarem uma exposição subscrita por 1.300 assinaturas, reclamando a integração do subsídio no salário base e outras reivindicações.

Na Companhia Nacional de Navegação os empregados lutam pela renovação do contrato colectivo de trabalho e para que lhes sejam aumentados os salários.

Na LISNAVE (Margueira-Almada) os operários continuam a reclamar junto dos chefes, o aumento de salários. Entretanto a luta não tomou ainda um carácter colectivo e organizado. Tal facto dificulta grandemente o êxito da acção reivindicativa.

Na Companhia Portuguesa de Pesca (Olho de Boi-Almada) o pessoal protestou junto da gerência contra o facto de só meia dúzia de operários terem sido promovidos durante este ano. Na Sociedade Industrial Aliança (Cova de Piedade) os trabalhadores desenvolvem uma acção reivindicativa por aumento de salários. Embora já lhes tenha sido prometido esse aumento, ele não se verificou até agora. É preciso que os trabalhadores insistam na luta para conseguirem o seu objectivo.

Na fábrica de cortiça «Sociedade Industrial Corsual» os operários enviaram uma exposição à gerência em que reclamam o aumento de salários. Apenas alguns foram beneficiados com o ridículo aumento de 5\$00. Por este facto alguns operários abandonaram a empresa. Este não é o caminho. É pela luta que os trabalhadores melhoram as suas condições de vida.

Na fábrica de cortiça «Rankins Lda» o pessoal exigiu aumento de salários, mas apenas 65 operários foram beneficiados. As 250 mulheres que aí trabalham não foram abrangidas. Ao tomarem conhecimento desta injustiça concentraram-se na gerência e protestaram contra semelhante discriminação. Os patrões, em vez de atenderem as suas reclamações receberam-nas de modo grosseiro. Um tal facto impõe às operárias da Rankins que persistam na sua luta.

Na fábrica de cortiça «Fausto Lavrador» os operários reivindicam aumento de salários.

Só lutando unidos e de forma organizada os trabalhadores conseguem impôr ao patronato e ao fascismo as suas mais prementes reivindicações.

○ «Avante!»
não se destrói

○ «AVANTE!» passa-se a um amigo de confiança, envia-se a um conhecido, a um democrata, deixa-se num local onde possa ser facilmente encontrado por trabalhadores, mete-se numa caixa postal ou por debaixo de uma porta em condições de segurança.

Lutas nos campos

MONTENOR-O-NOVO—Um rancho de operários agrícolas que trabalhava por conta do «Bom-Rico», ganhando a jorna de 34\$00 nos trabalhos de carvoaria, reivindicou 6\$00 de aumento. A disposição de luta dos trabalhadores e a intenção expressa de abandonarem a tarefa que estavam realizando levaram o agrário a satisfazer a sua reivindicação.

PEGÕES (CRUZAMENTO)—Um rancho de trabalhadores que andava a esgalhar na herdade «CRAVEIRA DO SUL», ganhando 5\$00, exigiu que o pagamento passasse a ser feito no trabalho e não no «monie», pois chegavam a altas horas a casa. O agrário recusou-se a satisfazer esta reclamação dos trabalhadores.

Em resposta à recusa, só um membro do rancho compareceu, na segunda feira, ao trabalho. Os restantes voltaram quando o dono da herdade arrepiou caminho e mandou o manager chamá-los a casa, garantindo-lhes que o pagamento seria feito no trabalho. Acateado pelas críticas dos companheiros, o «amarelo» acabou por ir-se embora.

CONTRA O AUMENTO DO PREÇO DO PÃO

Vigilância e luta do povo

A batalha contra o aumento do pão não está ganha. Na sombra continuam as diligências e as manobras para que se pratique mais um novo atentado contra o baixo poder de compra do povo. O pedido de aumento passou do Instituto Nacional do Pão para a Secretaria de Estado do Comércio e desta para a Comissão de Coordenação Económica. Presentemente o governo estuda o problema. Não é de esperar que o estudo o resolva a contento do povo.

Os industriais de panificação preferem descarregar o peso das suas dificuldades sobre os ombros dos trabalhadores.

Mas é contra o governo de Salazar e o monopólio da moagem que todos devem lutar. São eles os responsáveis pelo encarecimento das farinhas, pela sua mistura e distribuição arbitrária, pelos gritantes escândalos em volta das importações maciças, de trigo e de farinha do estrangeiro.

Não é o preço do pão que tem

de aumentar. É o preço da farinha e os lucros dos moageiros que têm de descer. É o peso dos impostos que têm de baixar.

Na sua Declaração de Dezembro passado, o Partido Comunista Português alertou a classe operária e o povo para um possível aumento do pão e afirmou: «O governo de Salazar permitirá esse agravamento se a classe operária, se as massas populares, se as mulheres trabalhadoras e as donas de casa se não organizarem desde já e se não lançarem na luta. O preço do pão não pode ser aumentado».

O Partido Comunista Português aponta ao povo o caminho da vigilância e da luta.

As reuniões nos locais de trabalho, nas empresas, nos campos, nas aldeias, nos bairros populares, nas cantinas, colectividades, sindicatos, permitem que se discuta e se esclareça este magno problema e se decida das diligências a realizar para impedir o aumento do preço do pão.

Uma Amnistia

Que é um espelho

Da hipocrisia fascista

O governo fascista assinalou a visita do Papa com a publicação de um decreto de Amnistia. Mas, supremo desaforo, nem um só preso político foi libertado! O manto da seráfica humildade com que Salazar se apresentou diante de Paulo VI esconde o punhal do carrasco que aprendeu na escola de Hitler.

Presos com as penas cumpridas continuam detrás das grades. Sofia Ferreira não foi libertada! Natália David, Albina Fernandes, Olivia Sobral e Lúcia Celapez, a saúde depauperada por anos de cárcere, permanecem na sinistra fortaleza de Caxias! Augusto Lindolfo e Agostinho Sabogo, ambos doentes e ambos ilegalmente presos, não viram abrir-se as portas das celas, apesar dos insistentes pedidos da opinião pública nacional e mundial, para que sejam libertados.

Cristãos se afirmam os renegados que vendem a Pátria.

Foram eles que fizeram assassinar o dirigente comunista Alfredo Diniz, o escultor Dias Coelho, o general Humberto Delgado, a jovem operária agrícola Catarina Eufémia e dezenas de lutadores anti-fascistas.

Hoje, preparam um novo e sinistro crime: a deportação para os campos de concentração de África dos melhores combatentes presos. Esta é a verdadeira face da atitude hipócrita que ditou o decreto de Amnistia.

Carlos Aboim Inglês, em perigo de vida numa enfermaria do Hospital-prisão que conta mais de uma dezena de anos, passados no cárcere não foi atingido pelo gesto «magnânimo» dos dirigentes fascistas, que foram reafirmar a Fátima a sua fidelidade ao Papa.

Arranquemos a máscara aos dis-

cípulos de Hitler. Mostremos a sua verdadeira face de carrascos.

Fundidos na mesma aspiração de salvar vidas humanas, preciosas vidas que aguardam o resultado da nossa acção, trabalhemos firme e persistentemente para devolver à liberdade, homens e mulheres que o fascismo salazarista pretende assassinar, condenando-os a longos anos de prisão, às medidas de segurança, aos processos da morte lenta.

O derrubamento da Ditadura

(continuação da pág. 1)

de que o povo português não gosta. Desta medida resultará um aumento da carne nacional, fresca, de 15\$00 a 20\$00 em quilo (!).

A carne congelada fornecida muitas vezes em más condições e já de si cara, será para as classes pobres, a fresca será para os ricos.

A insuficiência produtiva da agricultura portuguesa que hoje se verifica não está na falta de decretos e despachos e também não está na apregoada pobreza dos solos. Ela assenta antes de tudo na defeituosa estrutura agrária nacional e na incapacidade de Salazar e da sua camarilha que, em 40 anos, não foram capazes de avançar um passo na solução nacional deste grande problema. A sua solução em moldes nacionais está intimamente ligada à solução do problema político português num sentido verdadeiramente democrático, isto é, no derrubamento da ditadura fascista, na realização da reforma agrária e, da revolução democrática e nacional defendida pelo Partido Comunista Português.

ESTRAGOS HUMANOS

PROVOCADOS PELA GUERRA COLONIAL

Observações de um soldado

Durante a minha permanência no serviço militar, foi-me dada oportunidade de verificar algumas consequências deploráveis das criminosas guerras coloniais: O Hospital Militar Principal (Estrela) e seu Anexo (Campolide) estão sempre superlotados. Chegam, diariamente, doentes, feridos e mutilados, evacuados de urgência das colónias. A lotação destes dois hospitais, com os respectivos excedentes, anda à volta de 1.200 doentes, sendo mais de metade vítimas da guerra colonial.

A observação directa destes casos concretos e doutros, que nem chegam a passar pelos referidos hospitais, levou-me a concluir que o mínimo que se pode trazer dessa condenada guerra é um desequilíbrio neurótico.

Podem observar-se em quase todas as terras do país, nas passagens dos ex-combatentes «à foz», casos expressivos destes desequilíbrios. Traduzem-se estes por um comportamento anormal: estados de ansiedade, sono interrompido com gritos por pesadelos, estados de vigilância, dirigida por vezes para o monstro dos cafés com sensação de perigo eminente.

Casos mais graves de doença mental—psicoses—têm sido desencadeados pelas duríssimas condições desta guerra perdida. São tratados, paliativamente, nestes hospitais e não raras vezes a alta por necessidade de camas vagas para os desembarques

tem dado azo a suicídios. Suicídios têm também sido registados em casos que não chegam a passar pelos hospitais militares. São estes suicídios mais uma consequência dos desequilíbrios neuróticos e psíquicos.

Estas perturbações psicológicas, mesmo as menos graves, levam sempre muito tempo (anos) a recuperar. Raramente recuperam totalmente. Na sua maioria, deixam marcas bem vincadas e para sempre, ou mesmo, e não raro, a impossibilidade de convívio em sociedade. Doenças mentais, mutilações físicas, doenças somáticas como a melíria, hepatites, doenças da pele e outras em largas percentagens, são o «prémio» que os sagadores fascistas oferecem àqueles que na sua maioria, nem sabem pelo que lutam.



Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 25 metros; das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros; e das 0,30 às 0,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos, uma emissão especial dedicada aos camponeses, das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

mais fundos para o Partido

A actividade diária do Partido exige esforços contínuos dos seus militantes no sentido de assegurar os recursos financeiros indispensáveis. Sem fundos a acção do Partido enfraquece-se, reduz-se o seu papel dirigente, limita ou liquida a agitação e a propaganda, o esforço constante dos seus militantes na condução da sua actividade diária, no desenvolvimento das lutas de massas, no combate à ditadura fascista.

A recolha de fundos é uma tarefa de todo o Partido. É uma tarefa política de grande projecção. Cabe a cada organização do Partido, a cada militante, impulsionar a sua acção para que cresçam as receitas do Partido, para que se desenvolvam e multipliquem as iniciativas na busca de formas e meios para o aumento permanente dos fundos.

Quantias Recebidas dos Amigos do Partido

Abaixo a g. colónia (Março)	200\$00	Pelo nossa libertação	1.000\$00	(Out.)	200\$00	sinos	100\$00
>>> (Abril)	200\$00	Pela Unidade	100\$00	Abaixo o fas.	80\$00	>>>	300\$00
A Democracia vencerá	50\$00	Por uma verd. democr.		Alvorada	80\$00	Portugal soc.	2\$50
>>> Amigos de A. Diniz >>> 15F	855\$00	50F = 2.82\$75		A. Santo	20\$00	>>> vermelho	4\$00
>>> 64F	3.648\$00	Portugal anti-fascista	10\$00	Arquimedes	60\$00	>>>	18\$00
>>> 56F	3.192\$00	>>> progressista	20\$00	A. Lindolfo	700\$00	Sal. Senches	82\$50
Anón. Santo	40\$00	Avante!		Avante!	240\$00	Serra verm.	350\$00
>>> Avante!	120\$00	Cholokov	10\$00	B. Gonçalves	40\$00	Solidar.	120\$00
Av. pela Paz	50\$00	Clara Zetkin	10\$00	>>>	40\$00	Solidar. (FR)	20\$00
Bl. Teixeira	400\$00	Dem. Socialista	200\$00	C. do Nalal		>>> (LL)	50\$00
Cholokov	10\$00	Ho Chi Minh	20\$00	Julão 17 (LL)	500\$00	>>> (?)	50\$00
Clara Zetkin	10\$00	Gogol	5\$00	Cholokov	10\$00	>>> (R)	55\$00
Dem. Socialista	200\$00	Ho Chi Minh	20\$00	D. Socialista	200\$00	Têxtil prod.	
Especial 34F	193\$80	Ind. para as colónias	20\$00	Dias Coelho	25\$00	grassista	80\$00
Gogol	5\$00	M. Aschado	10\$00	Gogol	25\$00	Tribuna L	5\$00
Ho Chi Minh	20\$00	Milhões 10F	470\$00	Ho Chi Minh	20\$00	Unidos ven-	
Ind. para as colónias	20\$00	Niemeyr	40\$00	J. Honrado	200\$00	coremosi	30\$00
M. Aschado	10\$00	No bom caminho	2.000\$00	Lectoras de «A Mãe»	515\$00	Urge	5\$00
Milhões 10F	470\$00	O estud. ra-		Lib. para		Varcondes	15\$00
Niemeyr	40\$00	decretório	200\$00	Lib. para		V. à classe	
No bom caminho	2.000\$00	Or. anti-fas.	20\$00	Lib. para Lindolfo		operário	20\$00
O estud. ra-		>>> progressista	20\$00	Lib. para		Viva o VI	
decretório	200\$00	>>> vermelho	10\$00	Lib. para		Congressol	300\$00
Or. anti-fas.	20\$00	Os dois socialistas	20\$00	Lib. para		>>> (Ec)	1.730\$00
>>> progressista	20\$00	Para a luta	100\$00	Lib. para		>>> (?)	5\$00
>>> vermelho	10\$00	Para os pre. políticos	20\$00	Lib. para		VI Congres.	150\$00
Os dois socialistas	20\$00	Paz no Viet.	400\$00	Lib. para		24 de Março	25\$00
Para a luta	100\$00	>>>	50\$00	Lib. para		Total	35.014\$05
Para os pre. políticos	20\$00	Rubricas em atraso:		Lib. para		Errats:	
Paz no Viet.	400\$00	1966:		Lib. para		Nas rubricas de	
>>>	50\$00	Abaixo a g. colónia (Junh.)	200\$00	Lib. para		gistou-se a seguinte	
>>>	50\$00	>>> (Julh.)	200\$00	Lib. para		falla:—Março: Tribu-	
>>>	50\$00	>>> (Ag.)	200\$00	Lib. para		na L.—5\$00 (veio	
>>>	50\$00	>>> (Set.)	200\$00	Lib. para		15\$00)	

INTERROGAÇÕES LEGÍTIMAS EM TORNO DA VISITA DO PAPA

1 de Junho
DIA INTERNACIONAL
DA INFÂNCIA

Pessou o ruído da propaganda oficial sobre a visita do Papa Paulo VI ao Santuário de Fátima. Milhões de católicos e de partidários da paz podem serenamente interrogar-se sobre o significado dessa visita. Foi ela uma nova contribuição para a causa da paz?

A voz do Papa não ressoou em Fátima para condenar a opressão colonial e a guerra conduzida pelo governo fascista contra os povos africanos, nem ousou defender o direito dos povos à autodeterminação e à independência. Em seu lugar, o Papa concedeu um valioso contributo de 170.000 dólares para as missões católicas instaladas nas colónias portuguesas.

Sua Santidade veio a Fátima «orar pela paz e em particular pela paz no Vietnam». Mas verificou-se, porventura, na sua homília, qualquer alusão a essa guerra brutal? Denunciou o Papa Paulo VI a agressão americana e os perigos que comporta para a paz do mundo? Sua Santidade fez silêncio sobre o assunto e dias depois, diante de uma multidão de peregrinos, na Praça de S. Pedro, em Roma, colocava no mesmo plano os agressores imperialistas e o povo do Vietnam, que luta heróicamente pela sua independência.

Num país onde domina um regime fascista, mantido pelo terror, pela privação das liberdades fundamentais, pela tortura e pelo crime, a voz do Papa não se ergueu, diante de centenas de milhares de crentes, para verberar as atitudes daqueles que se servem da Igreja para a prática das mais desumanas violências, que ignoram as resoluções do Concílio Vaticano II, que negam aos cidadãos portugueses o usufruto das liberdades fundamentais.

Antes de partir para Fátima o Papa Paulo VI afirmou que a sua viagem tinha um carácter particular. E a Secretaria do Vaticano apressou-se a esclarecer, em face das vozes discordantes que começavam a levantar-se, que a viagem de sua Santidade não tinha «desígnios políticos».

Mas o que aconteceu na realidade? O Papa não se limitou à recepção oficial no momento da chegada. Recebeu nos seus aposentos, em audiência particular o almirante Tomás, o ditador fascista, os membros do seu governo, de altas individualidades políticas e militares, os representantes mais categorizados da política fascista, os carascos e escravizadores do povo português, os responsáveis directos pela guerra colonial. Não é um tal acto de natureza política? Dele e da visita papal, os fascistas souberam fazer o alarde que lhes con-

vinha, tirando partido da fé religiosa sincera que anima a gente do povo, para valorizar o regime, para atenuar os efeitos do seu descrédito político.

É certo que a viagem do Papa não agradou plenamente aos governantes salazaristas. Paulo VI não aceitou os insistentes convites para que visitasse oficialmente Portugal, formulados pelo governo e pela hierarquia católica reacçãoária e em particular pelo cardeal Cerejeira. Mas Salazar e o seu governo esconderam do conhecimento do povo esta atitude do Papa.

Apesar das limitações de que se revestiu a viagem de Paulo VI, as trombetas da propaganda fascista assolaram os ares, procurando convencer os católicos portugueses e a opinião pública mundial de que essa viagem fora possível mercê de existência da ditadura e da protecção concedida por esta à Igreja.

Mas Salazar não protege a Igreja senão na medida em que ela pode servir os seus desígnios políticos. Toda a atitude de discordância ao regime é severamente punida. Quem exilou o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes? Quem prendeu os padres Pio e Perestrelo? Quem torturou e encarcerou o padre Pinto de Andrade e outros sacerdotes católicos angolanos? Foi Salazar e a sua polícia política.

Foi o governo salazarista que proibiu qualquer alusão na imprensa à viagem de sua Santidade, a Bombaim. Foi o ministro dos negócios estrangeiros, Franco Nogueira, que considerou, numa Conferência de Imprensa a 22 de Outubro de 1964, a decisão do Papa de ir a Bombaim como «agravo gratuito, no duplo sentido de que é inútil e de que é injusto».

A preciamos e louvamos o esforço dos combatentes da paz, sem lhes exigir que professem as nossas ideias ou sigam a nossa bandeira. Registamos com alegria o esforço dos católicos portugueses e de outros países que se associam aos comunistas, e a outras forças democráticas na luta pela grande causa da paz, da independência e da liberdade dos povos.

Estendemos lealmente as mãos aos trabalhadores católicos, nossos irmãos na exploração que nos vitima e na miséria que nos assola; estendemos lealmente as mãos aos jovens, aos intelectuais católicos aos democratas e anti-fascistas que crêem em Deus para que trabalhem connosco, lado a lado, na luta comum que travamos contra a tirania fascista, contra a guerra colonial, contra a privação da liberdade, pela defesa da paz, pela conquista da democracia e da independência nacional.

Defender e fazer respeitar os direitos da criança é um dever sagrado de todos os povos e dos seus governos.

Tal é o significado do Dia Internacional da Criança, que mobiliza a humanidade progressiva do mundo inteiro para acções tenazes e unidas, na luta contra os grandes flagelos do mundo capitalista que mais cruelmente atingem as crianças: a fome, o analfabetismo, a guerra.

Aos direitos inalienáveis das crianças e aos mais profundos anseios das mães portuguesas, responde o governo fascista com a demagogia, o desprezo e a caridade pública.

Por isso, o nosso País acusa as mais altas taxas de mortalidade infantil na Europa; sub-alimentação crónica e falta de assistência médica e hospitalar às crianças; quase inexistência de creches e jardins-escolas; ensino infantil oficial abolido logo após o advento do fascismo; deficiências gritantes no ensino primário; vergonhosa e desenfreada exploração do trabalho infantil; e tantos outros males que massacraram as nossas crianças e impedem o seu desenvolvimento harmonioso.

As mães, as mulheres, o povo português, sabem por experiência que lutar pelo direito à vida, saúde e instrução dos seus filhos é lutar contra o governo fascista, seu pior inimigo.

Ao mesmo tempo, também não é possível defender os direitos da infância quando se aceita passivamente o assassinio e mutilação de milhares de crianças pelo imperialismo norte-americano, no Vietnam e noutras partes do mundo, e pelos colonialistas portugueses em África.

Só desenvolvendo amplas acções unidas pelo respeito e defesa dos direitos da criança, num mundo de paz e justiça social, as mães, as mulheres, o povo português defenderão tenazmente as mais belas promessas de amanhã nos olhos confiantes das crianças de hoje.

DIGNOS HERDEIROS

A transferência para Portugal dos restos mortais do rei caceteiro, D. Miguel, foi de iniciativa directa de Salazar e de todo o seu governo e de acordo, ou com a aceitação servil e vergonhosa, dos altos comandos militares de terra, mar e ar. O acto serviu de pretexto para uma manifestação política ultra-reacçãoária, onde não faltou sequer o beijão aos descendentes de D. Miguel e os aplausos ostensivos e públicos ao chamado pretendente ao trono de Portugal e a seu filho, apelidado de príncipe da Beira.

As pompas oficiais prestadas a um dos reis mais odiosos da História Pátria foram verdadeiramente escandalosas pelo fausto e luxo ostentados, representaram um verdadeiro insulto à miséria das massas laboriosas e aos sentimentos republicanos, liberais e democráticos da grande massa dos portugueses.

Pelas manifestações que tiveram lugar na igreja de S. Vicente e fora dela, pela presença de representantes da ultra-reacçãoária nobreza nacional e estrangeira, pelo destaque dado nas «solenidades» aos descendentes de D. Miguel, diríamos que Portugal estava sob a vigência de uma monarquia fascista. Não houve sequer o cuidado em se guardarem as aparências de que Portugal é uma República.

No interior da própria igreja e na presença de todos os elementos do governo, com Salazar e Américo Tomás à frente, e dos altos comandos militares, teve lugar um autêntico comício político monárquico-fascista sem qualquer respeito pelo lugar sagrado onde se encontrava a fina flor da pior reacção portuguesa. Integrando-se bem na orientação traçada directamente por Salazar, o orador oficial, padre Domingos Maurício, fez a defesa aberta de um período da nossa história em que o terrorismo político sanguinolento era a lei do Estado, atacou as ideias liberais e republicanas, glorificou as ideias retrógradas de um passado de opróbrio e de crimes monstruosos e o regresso a ele, defendeu a repressão do período miguelista apelidando-a de ordem, o rei caceteiro, D. Miguel, foi coberto de todas as virtudes, falsificando-se da maneira mais descarada a verdade histórica. Tudo isto foi feito den-

tro dos cânones e da ética fascistas.

Dignos herdeiros desse passado tenebroso, de intolerância política e religiosa, de forcas por todo o país, de assassinatos em série praticados pelos caceteiros de D. Miguel, de torturas inconcebíveis aos presos políticos, de cárceres a abarrotar com milhares de homens cujo único crime era professarem ideias liberais e amarem a sua Pátria, de muitos milhares de emigrados políticos fugidos ao terror e à chacina, de violações de mulheres indefesas, de roubos oficializados dos bens dos liberais, Salazar e a sua camarilha deram, afinal, mais uma prova de coerência política. Glorificando esse passado tenebroso, Salazar pretendeu glorificar o seu regime. Triste glória a dele...

Salazar é bem o digno herdeiro das tradições reacçãoárias encarnadas por D. Miguel. Os Teles Jordão de ontem têm, por sua vez, herdeiros dignos nos chefes da PIDE de hoje, major Silva Pais, Barbieri Cardoso, Sachetti e Porto Duarte. Os bandos de caceteiros de D. Miguel têm nos bandos da PIDE de Salazar verdadeiros émulo.

Afinal, todos são coerentes consigo mesmos... Desta manifestação política ultra-reacçãoária importa tirar já a conclusão de que, longe de se verificar qualquer tendência liberalizadora do regime actual, este procura reforçar-se e mostra-se disposto a aguentar a todo o custo.

Os factos comprovam mais uma vez que se iludem trágicamente aqueles democratas que não acreditando na acção revolucionária das massas populares depositam as suas esperanças numa saída, numa qualquer saída provocada de dentro pela acção de fascistas descontentes. Os factos mostram também com toda a evidência que a liberdade política só pode ser conquistada pela luta árdua e difícil das massas e das forças democráticas unidas na acção.

A unidade activa das forças democráticas pela conquista da liberdade política é indispensável para dar maior confiança às massas populares e tornar mais amplas e firmes as suas lutas pela democracia, por uma autêntica República.

Cuidado com eles!

José Ventura, presidente do Sindicato Nacional dos Conservadores de Portimão, está ao serviço da PIDE. Foi ele que lançou fogo ao sindicato, por duas vezes, para encobrir os roubos que ali praticou, o último dos quais foi de 42 contos.



O IV CONGRESSO DOS Escritores Soviéticos

O IV Congresso dos escritores soviéticos, realizado entre 22 e 26 de Maio, é um acontecimento notável que assinala o ano jubilar em que os povos soviéticos e os trabalhadores do mundo inteiro celebram o 50º aniversário da Revolução Socialista de Outubro.

As comunicações apresentadas nesse Congresso e os assuntos discutidos demonstram que ser escritor na União Soviética significa participar activamente nos problemas mais vivos e candentes do seu país, nas graves preocupações que agitam os povos, nas grandes batalhas pela libertação da Humanidade dos horrores da guerra, da ignorância e da miséria.

O IV Congresso sublinhou que aos homens de pensamento cabe agir de modo activo na luta dos povos contra a opressão e a guerra, pela paz e a segurança do mundo, pela defesa da cultura, contra as forças da reacção e do fascismo, que lhe tolgem o desenvolvimento.

Particular menção à situação de Portugal, conjuntamente com a da Alemanha Ocidental, Espanha e Grécia, foi feita no Congresso pelo grande romancista Constantin Simeonov.

O IV Congresso aprovou um apelo aos escritores de todo o mundo para que se unam em defesa da paz, da democracia e do progresso social, para que afirmem a sua solidariedade à luta do povo do Vietnam, se manifestem contra as pretensões revanchistas de Bona e contra o terror desencadeado na Grécia pelo golpe militar fascista.

O IV Congresso dos escritores soviéticos aprovou igualmente uma resolução sobre problemas da literatura e uma outra sobre o Vietnam.

O jornal «AVANTE!» saúda o IV Congresso dos Escritores Soviéticos e exprime a estes o alto apreço em que tem a sua actividade literária e criadora, símbolo do novo humanismo e da posição militante dos intelectuais em face dos problemas mais candentes da nossa época.

COMUNICADO FINAL DA CONFERÊNCIA PELA PAZ E A SEGURANÇA EUROPEIA

De 24 a 26 de Abril de 1967, realizou-se em Karlovy Vary uma conferência dos Partidos Comunistas e Operários da Europa sobre a segurança europeia. Nela participaram as delegações dos seguintes partidos irmãos:

Partido Socialista Unificado da Alemanha; Partido Comunista Alemão; Partido Socialista Unificado da Alemanha-Berlim-Oeste; Partido Comunista da Áustria; Partido Comunista da Bélgica; Partido Comunista Búlgaro; Partido Progressista do Povo Trabalhador de Chipre; Partido Comunista da Dinamarca; Partido Comunista de Espanha; Partido Comunista da Finlândia; Partido Comunista Francês; Partido Comunista da Grã-Bretanha; Partido Comunista da Grécia; Partido Socialista Operário Húngaro; Partido Operário Irlandês; Partido Comunista da Irlanda do Norte; Partido Comunista Italiano; Partido Comunista do Luxemburgo; Partido Operário Unificado Polaco; Partido Comunista Português; Partido Comunista de São Marino; Partido Suíço do Trabalho; Partido Comunista da Checoslováquia; Partido Comunista da União Soviética.

Um representante do Partido Comunista Sueco estava presente.

No decurso de uma livre e ampla discussão e de uma colaboração fraternal dentro do espírito internacionalista, tanto nos trabalhos preparatórios como na conferência, foram examinados os problemas europeus e as medidas indispensáveis para garantir a segurança na Europa, de grande alcance para o reforço da paz mundial.

A conferência adoptou uma declaração que salienta os perigos criados pela colusão entre o imperialismo americano e o imperialismo oeste-alemão e a importância das iniciativas concretas e pacíficas que a situação na Europa requer.

O programa de acção contido na declaração oferece aos povos uma real alternativa pacífica, propondo substituir os blocos militares opostos por um sistema de segurança colectiva europeia, fundado nos princípios da coexistência pacífica entre Estados com regimes sociais diferentes.

A declaração apoia a ideia da convocação de uma conferência de todos os Estados europeus com vista à examinação dos problemas da segurança e do desenvolvimento, da cooperação europeia, assim como todas as iniciativas orientadas nesse sentido.

É com um grande sentimento de responsabilidade que a conferência de Karlovy Vary se dirige à classe operária, aos partidos socialistas e sociais-democratas, às organizações sindicais, aos crentes de todas as confissões, aos intelectuais, à jovem geração e a todas as forças pacíficas. A conferência chama-os a unirem-se e a desenvolverem, em cada país e à escala do continente, vastas campanhas, acções de massas para a segurança colectiva na Europa, para que cesse a desastrosa corrida aos armamentos e sejam reduzidas ao fracasso as forças de guerra.

Os participantes na conferência estão persuadidos de que o programa de luta pela segurança colectiva europeia elaborado em Karlovy Vary pode servir de base de acção comum para todos os partidos comunistas e operários da Europa.

A conferência condena a bárbara agressão dos Estados Unidos, sublinhando que ela constitui um perigo para a paz mundial.

Pede a todos os que amam a liberdade dos povos que reforcem a sua acção comum, para que seja imposto o fim da intervenção americana e assegurado o direito à independência do heróico povo vietnamita.

A conferência adoptou um apelo para unir as forças e intensificar a luta para apoiar o povo vietnamita.

A conferência adoptou igualmente uma declaração denunciando o golpe de estado militar na Grécia e apela para a organização de um vasto movimento de solidariedade para com o povo grego.

Os participantes na conferência de Karlovy Vary estão profundamente convencidos que o seu encontro contribuiu para reforçar os laços profundos entre os Partidos Comunistas e Operários e para unir as forças pacíficas anti-imperialistas na Europa e no mundo.

A GUERRA NO MÉDIO ORIENTE FOI PROVOCADA PELAS POTÊNCIAS IMPERIALISTAS

Cessaram as operações militares no Médio Oriente. A agressão de Israel e das potências imperialistas foi delida mercê da acção firme e decidida da União Soviética e dos países do campo socialista, da resistência e da unidade dos povos árabes, da acção dos povos e das forças da paz do mundo inteiro. Mas não foram eliminadas as ameaças de novas agressões nem os perigos que pendem sobre a paz. No Extremo Oriente as forças armadas dos Estados Unidos continuam a guerra contra o povo do Vietnam, intensificando a escalada, espelhando os acordos de Genebra, arrasando florestas, expulsando populações na zona desmilitarizada, ao longo do paralelo 17, provocando incidentes com navios soviéticos, mobilizando novos reforços militares e lançando-os no teatro de guerra. Actualmente combatem no Vietnam 460 mil soldados americanos.

Por detrás da agressão de Israel encontram-se os Estados Unidos, a Inglaterra e outras potências imperialistas interessadas na exploração do petróleo do Médio Oriente e na continuação de uma política de saque e de opressão nacional que priva os povos árabes da sua liberdade e independência.

Israel funcionou como a ponta de lança dos imperialistas.

As forças militares de Israel foram armadas, treinadas e financiadas pelas nações capitalistas do Ocidente, particularmente pelos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha Ocidental, França e Holanda. Sob a instigação destas potências as tropas israelitas ousaram atacar os países árabes procurando esmagar o movimento libertador.

A guerra do Médio Oriente mostrou aos povos que são os imperialistas que fomentam as guerras, que são as nações socialistas, com a União Soviética na vanguarda, que defendem a paz e a causa da independência dos povos.

Foi possível deter a agressão. Foi possí-

vel evitar a catástrofe de um conflito mundial. Mas os Estados Unidos e as outras potências capitalistas continuam manobrando contra os povos, continuam atenuando contra a paz.

Na guerra do Extremo Oriente o governo salazarista alinhou ao lado dos agressores imperialistas. A imprensa e a rádio assim o demonstraram, colocando-se sem rubiços ao lado de Israel, lançando-se numa campanha de histeria belicista contra os povos árabes.

Portugal é trampolim dos imperialistas. O governo de Salazar está ao seu serviço. Os americanos encontram-se instalados nas Lejeas, os franceses na ilha das Flores, os alemães, em Beja. Há bases da NATO na península de SETÚBAL, MONTIJO, OTA, ESPINHO e noutros pontos do país. Os

governantes fascistas são empedernidos defensores da política da guerra fria, são forças do choque dos círculos mais agressivos do imperialismo. Portugal corre o risco de se ver envolvido num conflito mundial. Salazar pratica uma política de guerra e de submissão ao imperialismo, quando a Nação aspira a uma política de cooperação pacífica com todos os povos, e única que pode, verdadeiramente servir os interesses nacionais.

Intensifiquemos a luta contra a política de traição nacional de Salazar, contra as bases militares estrangeiras, contra as forças imperialistas. Exijamos que cesse a agressão americana ao Vietnam e as provocações no Médio Oriente. Unamos a luta da classe operária e do povo português à luta comum dos povos contra os agressores imperialistas e pela defesa da paz.

Ao Lado do Povo do Vietnam

As manifestações de simpatia e solidariedade do povo português ao heróico povo vietnamita desenvolvem-se com crescente amplitude no nosso país.

Em reuniões e conferências diversas realizadas em diferentes pontos do País, mulheres, intelectuais e estudantes, exprimindo a opinião e o sentir do nosso povo, condenam vivamente a bárbara agressão do imperialismo americano no Vietnam.

Alguns sacerdotes honestos, opondo-se à orientação do alto clero, totalmente comprometido com a política fascista, interpretam a opinião dos católicos progressistas e condenam abertamente a guerra como meio da solucionar os graves problemas que afligem a humanidade. Numa elusão valada à guerra do Vietnam, um conhecido padre, nos seus sermões exorta os católicos a não se deixarem guiar seja por quem for, mesmo padre, que tal preconiza. A opinião geral do povo português, rom-

pendo a mordaça da censura, é a este respeito inequívoca. Lúcidamente, apesar dos seus 102 anos de idade, uma senhora entrevistada, depois de condenar a agressão do imperialismo no sudeste asiático responde a um jornalista: «Na minha idade já se não tem medo da morte mas—acrescenta—fico horrorizada quando penso que no Vietnam poderá estar o começo de uma nova guerra mundial».

Sem distinção de idades ou crenças religiosas, o povo português, condena resolutamente a criminoso escalada de extermínio conduzida pelos imperialistas americanos contra um povo laborioso e pacífico. Por isso concretiza em acções diversas, tais como a edição de postais e selos, o seu apoio moral e solidário de forma a transformar em verdadeira ajuda material a sua solidariedade àquele povo heróico.

Adiante, pois com novas e mais potentes acções solidárias!

Solidariedade

Ao Povo Grego

Na Grécia, ao golpe de estado fascista seguiram-se os desmandos do poder fundado na ilegalidade e no terror, servindo os tenebrosos interesses da reacção e do imperialismo estrangeiro. O parlamento foi dissolvido, proibidos os partidos políticos, encerrados os sindicatos, interdita a imprensa democrática e as organizações da juventude. Mais de dez mil democratas gregos, incluindo o herói da independência da Grécia, Manolis Glezos, foram lançados nos cárceres, enviados para os campos de concentração nas ilhas do mar Egeu.

A situação existente na Grécia levantou um brado de protesto em todo o mundo. Homens das mais variadas tendências, as forças democráticas e progressivas, os trabalhadores de todo o mundo fundiram os seus esforços num amplo movimento de solidariedade ao povo oprimido da Grécia, aos seus melhores filhos.

A classe operária, o povo português saberão igualmente juntar os seus protestos e a sua solidariedade, aos milhões de homens que acorrem em socorro do povo grego e dos seus melhores filhos. Mobilizemos a classe operária e as forças democráticas contra o terror fascista na Grécia. Enviemos os nossos protestos à embaixada daquele país em Lisboa.